

Prefácio

*Lidomar Nepomuceno*¹
 ORCID: 0000-0003-1080-4048

*Jordhanna Cavalcante*²
 ORCID: 0000-0002-8078-8453

Em novembro de 2022, mês da consciência negra no Brasil, a Revista Pós lançava sua nova seção editorial, o Caderno Virgínia Bicudo, com o intento de homenagear o marco histórico das Políticas de Ações Afirmativas implementadas no Brasil, já aquela altura responsáveis por uma transformação de grande impacto no perfil de classe e raça de universitários pelo Brasil afora. A convite da Revista Pós, o Coletivo Zora Hurston se tornou parceiro na criação do Caderno desde a elaboração de suas diretrizes, com vistas em assumir um sério compromisso com a produção científica de autorias negras, até a composição das peças que integrariam a publicação. Aliado a criação do Caderno, a revista também criou um banco de pareceristas negres como mais uma forma de fortalecer a política de ações afirmativas na própria publicação.

Nós, enquanto Coletivo, estivemos orgulhosamente irmanadas nessa construção, por sabermos da importância de ocuparmos espaços como esse, haja vista a feroz política do epistemicídio que nos marginaliza historicamente, apagando nossas histórias e nossas produções acadêmicas. Não à toa, levamos o nome de uma grande autora, antropóloga negra, sabotada à época no âmbito da academia e pelas editoras dominadas pela branquitude estadunidense, Zora Neale Hurston, que chegou a ser sepultada como indigente, só recebendo o merecido reconhecimento enquanto autora e pesquisadora, muitas décadas após a sua morte.

O Coletivo Zora Hurston nasceu em 2017, também sob esse profundo incômodo com o processo de exclusão ao qual somos constantemente submetidos no âmbito acadêmico. As fundadoras do Coletivo Zora, mobilizadas pelas discussões acerca da plena implementação das ações afirmativas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS/UnB), considerando as condições não apenas de ingresso de

¹Doutorando e Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (PPGAS/UnB). Integra o MOBILE - Laboratório etnografia das circulações e dinâmicas migratórias (DAN/UnB) e o NERI - Núcleo de Estudos em Raça e Interseccionalidade (UFC). É produtor dos podcasts Negras Antropologias Cast e O Hebreu podcast. E-mail: lidomarnepomuceno@gmail.com.

²Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UnB). É integrante do Coletivo Zora Hurston de estudantes negros do PPGAS/UnB. Mestra em Direito, Estado e Constituição (PPGD/UnB). Bacharel em Ciências Sociais habilitação em Sociologia e licenciada em Ciências Sociais pela mesma instituição. Pesquisadora vinculada ao grupo Describa (Desigualdades e Crítica no Brasil Contemporâneo — SOL/UnB) e integrante do Maré — Núcleo de Estudos e Pesquisa em Cultura Jurídica e Atlântico Negro. Possui interesse de pesquisa na área de relações raciais no Brasil e suas articulações com o território, práticas culturais e parentesco. E-mail: cjordhanna@gmail.com.

discentes negres, indígenas e quilombolas, mas também de permanência, já estavam atentas à necessidade urgente de uma mudança também curricular que fosse capaz de trazer a pluralidade epistêmica às ementas dos cursos de mestrado e doutorado do PPGAS/UnB.

Foi nesse contexto que as fundadoras do Coletivo Zora formularam a ideia do I Negras Antropologias, um evento acadêmico que se dedicaria a discutir, valorizar e divulgar a produção acadêmica de pesquisadoras negras. Também em 2022, nós realizamos o VI Negras Antropologias, com a temática dos dez anos da Lei de Cotas e as (re)discussões das ações afirmativas, sob o título: *“Onda negra, medo branco”*: tecendo caminhos e enfrentamentos futuros. No mesmo ano o Coletivo Zora venceu a categoria de “Igualdade, Diversidade e Não Discriminação” do Prêmio Anual de Direitos Humanos Anísio Teixeira (promovido pela Secretaria de Direitos Humanos da UnB), pela realização do VI Negras Antropologias. A nossa história, enquanto Coletivo, é mobilizada pela luta em prol da plena implementação das políticas de ações afirmativas, o que inclui uma universidade que seja pluriépistêmica.

O caminho que trilhamos nos trouxe ao oportuno encontro com a Revista Pós e a ideia do Caderno Virgínia Bicudo, ao qual nos somamos orgulhosamente em mais um número para juntas multiplicarmos sementes de esperança. A parceria com a Revista Pós nos recorda de como nossa luta se faz mesmo na coletividade, nas parcerias, no aquilombamento de quem se compromete a não dar nem um passo atrás na luta antirracista. Ao fazer a escolha de construir mais um número do Caderno Virgínia Bicudo, novamente com a participação do Coletivo Zora, a Revista Pós reforça o seu compromisso com as ações afirmativas e com a participação de pesquisadoras negras na construção de espaços de produção e divulgação do conhecimento científico. Mas não só, ao buscar parceria conosco, reconhece também a urgência de uma produção acadêmica posicionada e consciente do seu papel político no enfrentamento às muitas faces do racismo arraigado na sociedade brasileira.

Este número, que carrega o pensamento e o legado de Lélia Gonzalez em seu tema, “Semeando coragem e invenção junto à Lélia Gonzalez”, nos oportuniza a realizar um encontro entre três importantes intelectuais negras e também alumiar as maneiras como as suas contribuições incidem e reverberam essa nova geração, comprometida com suas agendas políticas e com a construção de conhecimentos. Lélia, Virgínia e Zora, que abrem os caminhos desta edição, nos educam e nos formam com muita generosidade. Seus textos, organizados com uma capacidade exemplar de interlocução com a pessoa leitora, rompem fronteiras temporais e territoriais e se consagram, primeiro através de suas próprias complexidades e depois de nossos esforços em projetá-las, como autoras clássicas do pensamento social e antropológico negros.

Desse encontro, podemos nos perguntar: quais os elementos conectam Lélia Gonzalez, Virgínia Bicudo e (por que não?) Zora Hurston? Os esforços pela retirada dessas autoras das sombras da intelectualidade nas ciências sociais jogam luz não somente nas figuras delas e sua relevância, mas na materialidade do que aprendemos a nomear como diásporas negras. As três são grandes intelectuais dessas diásporas. Elas são atravessadas por particularidades subjetivas, contextuais, temporais e territoriais que, no entanto, se tocam no caminho e se aglutinam a partir de experiências que não se fiam somente na violência racial, mas nas brechas, fragmentos e nas tecnologias de vida elaboradas por essas mulheres a partir do encontro, da troca e da ação política. A habilidade de pensar as suas experiências como mulheres negras, as famílias e as suas comunidades é um exercício muito importante que conecta essas três intelectuais.

Para além de terem sido mulheres preocupadas em responder às questões urgentes de seus próprios tempos, comunidades e contextos, elas tiveram a destreza de elaborar questões que transbordavam as experiências negras, conectando esse repertório às experiências de outros grupos racializados e às formas como a branquitude e toda sua sofisticação operaram na organização da subalternidade e na sublimação de sujeitos não brancos – física e intelectualmente. Imersas em sociedades que até hoje codificam os problemas sociais nas figuras de sujeitos negros, indígenas e grupos não brancos, construindo arquétipos insolentes e violentos sobre essas existências, elas implicaram a branquitude nesse processo e, dessa maneira, decodificaram esses arquétipos.

Longe de humanizar essas populações a partir de um território romântico ou de resguardá-las em tipos ideais, as autoras abraçaram a contingência e analisaram as experiências negras na sua inteireza, complexidades e conflitos. Fugindo também de construções narrativas que aprofundam as habituais violências raciais, elas tiveram o cuidado e a delicadeza de invocar a humanidade negra como aquela dotada de subjetividade e diferenças, contrariando os arquétipos históricos e insistentes em nos confinar nos signos binários e pejorativos do racismo. Com elas, aprendemos que o pensamento e a existência podem ser livres, criativos e corajosos, sem a necessidade de filiação a modos unidimensionais de realização.

Voltando para a incidência do pensamento de Lélia Gonzalez, a autora consagrada nesta edição, nos deparamos com textos que relembram a multiplicidade presente em seu repertório. Esta é uma característica que fazemos questão de demarcar. A habilidade de Lélia de se enveredar pelos variados temas da sociedade brasileira, conectando-os às conflituosas relações raciais em nosso país, aparece não só como um elemento que afeta as suas leitoras, mas também como característica que as mobiliza na escrita, nos seus interesses de pesquisa e nas suas abordagens epistemológicas. Nos textos deste volume, as autoras nos informam os seus exercícios

de criação e experimentação e, aqui, leitora, você encontrará o pensamento de Lélia em conversa com temas que atravessam os quilombos e as questões territoriais no Brasil, processos de epistemicídio e educação, além de fotografias com olhares e estéticas atentos às relações raciais e suas interseccionalidades.

Mostrando-se também habilidosas no exercício de escavação - uma espécie de arqueologia do saber, como outrora fez Lélia para entender as nossas matrizes socioculturais formativas, as autoras trouxeram à tona as histórias de outras intelectuais negras que tiveram seu pensamento e imagem sublimadas pela branquitude. Como tema desta sessão, a obra de Lélia ganhou destaque e conquistou as graças das intelectuais que se debruçaram sobre o seu pensamento para além do diálogo direto com ele. Isso está expresso nos escritos que tratam das contribuições filosóficas de sua obra, do impacto gerado por ela na academia e de seus diálogos com a própria Virgínia Bicudo. A partir do consenso de que a sua obra desafia e dilata o cânone hegemônico, as autoras nos apresentaram em primeira mão o conjunto de habilidades que Lélia nos ensinou. Essa dupla direção, de escrever sobre a sua obra e a partir dela, é um demonstrativo primoroso dos frutos que o florescimento do pensamento de Lélia legaram para a intelectualidade brasileira - e amefricana.

Convidamos a leitora, então, a mergulhar nas ressonâncias do pensamento de Lélia Gonzalez – umas das muitas vibrações que honramos com muita alegria. Os textos aqui apresentados percorrem caminhos variados e a diversidade de temas, que já podem ser espiados nos títulos, querida leitora, mostram que o impacto de uma trajetória intelectual e política engajada resguarda sua característica rizomática. Dizemos isso pois acreditamos que seu pensamento e as elaborações sobre a sociedade brasileira encontram hoje outros intelectuais e se multiplicam, criam conexões e incentivam as iniciativas negras a se engajarem na crítica e no combate ao racismo, em todas as suas dimensões.

Seguindo seus passos, nós, do Coletivo Zora Hurston e o Caderno Virgínia Bicudo viemos mais uma vez em bando, com a expectativa de multiplicar e conectar cada vez mais intelectuais negros, indígenas e pessoas engajadas pelo pensamento da suntuosa e sofisticada intelectual contemporânea brasileira, Lélia Gonzalez! Boa leitura.